

A adolescência como processo de desenvolvimento

Primeiramente, é preciso compreender a adolescência como um processo de desenvolvimento da personalidade. É o processo de “adolescer”. É como “envelhecer”, isto é, trata-se, para o adolescente, de um percurso em que se deixa para trás um modelo estabelecido pela infância, através de seus recursos psíquicos. O tempo o trouxe até esta nova fase de desenvolvimento e torna-se momento crucial de amadurecimento para assumir as novas responsabilidades do mundo dos adultos.

Este é um tempo de aprender e rever valores, sistemas de pensamentos e de crenças, o sentido da vida e sua própria existência no mundo. É tomada para si uma nova forma como o adolescente vê e interpreta o mundo, como se realizam as novas experiências e os novos desafios que o cercam. Ele está diante deste cenário, que de antemão é novo, ao qual ainda não está preparado e que pode ser tido como temeroso e ao mesmo tempo com um tom de aventura; ele vai chegando e se apresenta sem avisar o dia, nem tão pouco apresenta soluções fáceis.

O adolescente precisa elaborar seus conflitos sobre seus novos papéis no mundo e continuar seu percurso em sua vida de desenvolvimento enquanto sujeito, forjando sua nova identidade e se confirmando como autor da sua própria vida e da sua própria história.

Segundo os autores Aberastury e Knobel (1981), não só o adolescente padece este longo processo, mas também os pais têm dificuldades para aceitar o crescimento de seus filhos. Os pais vivem o luto pelos filhos, precisam fazer o luto pelo corpo do filho pequeno, pela sua identidade de criança e pela sua relação de independência infantil. Ocorre que os pais têm de se desprender do filho criança e evoluir para uma relação com o filho adulto, o que impõe muitas renúncias de sua parte.

Diante das mudanças psicológicas, acompanhadas das mudanças corporais do filho, prova real de que há imposição de maturidade feita pela própria natureza do desenvolvimento humano, os pais e a “criança”, precisam aceitar o desenrolar deste processo e permitir que esta naturalidade siga o seu curso. Assim como um rio, pois se houver obstáculos, mesmo assim, a água vai contorná-los, mas poderia ter sido de forma natural e o adolescente pode levar consigo registros dolorosos desta passagem.

Para Aberastury e Knobel (1981), à maior pressão familiar, à maior incompreensão frente à mudança, o adolescente reage com mais violência por desespero e desgraçadamente, é neste momento decisivo da crise adolescente que os pais recorrem geralmente a dois meios de coação: o dinheiro e a liberdade.

Os autores ainda relatam que são três as exigências básicas de liberdade que apresenta o adolescente de ambos os sexos a seus pais: a liberdade nas saídas e nos horários, a liberdade de defender uma ideologia e a liberdade de viver um amor e um trabalho.

Negar ou resistir a este desenvolvimento, sobretudo, por parte dos pais, poderá trazer sofrimento e dificuldade de relacionamento, cada vez piores, entre os pais com seus filhos.

Por mais que os filhos estejam tornando-se adultos, eles ainda precisam da presença dos pais e da sua compreensão para que possam superar com suavidade este período de sua vida. Esta presença se traduz, acima de tudo, em escutá-los, pois os adolescentes sentem enorme necessidade de ação e depois, de relatarem o que fizeram. Esta presença se traduz em respeitar o filho, com liberdade, limites e confiança, não sufocá-lo, não enchê-lo de conselhos repetitivos, mas assistir e apoiar este processo de desenvolvimento que a vida lhe apresenta e que está repleto de descobertas, autoconhecimento, encanto e beleza, próprios deste período tão rico em experiências marcantes para toda a vida do adulto que está se formando.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. **Adolescência Normal**: um enfoque psicanalítico. São Paulo: Artmed Editora, 2008. p. 15 e 20.